


RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 29/01/2021.

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LUIZ FERNANDO ZUIN

**SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL:
entendimentos de professores de uma instituição de
educação especial**



ARARAQUARA – S.P.
2020

LUIZ FERNANDO ZUIN

**SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL:
entendimentos de professores de uma instituição de
educação especial**

Dissertação de Mestrado, apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Profa. Dra Andreza Marques de Castro Leão

ARARAQUARA – S.P.
2020

Zuin, Luiz Fernando

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: entendimentos de
professores de uma instituição de educação especial / Luiz
Fernando Zuin — 2020. 84 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) —
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Andreza Marques de Castro Leão 1.

Educação Sexual. 2. Sexualidade. 3. Deficiência Intelectual. 4.
Formação de Professores da educação Especial. I. Título.

Nesta dissertação se utiliza as regras da APA – American Psychological Association
(Associação Americana de Psicologia).

LUIZ FERNANDO ZUIN

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: entendimentos de professores de uma instituição de educação especial

Dissertação de Mestrado, apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Profa. Dra Andreza Marques de Castro Leão

Data da defesa: 29/01/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andreza Marques de Castro Leão
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP

Membro Titular: Prof^ª. Dr^ª Fátima Elisabeth Denari
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP

Membro Titular: Maria Cândida Soares Del Masso
UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus Marília - SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que apesar de todas as adversidades sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus e aos meus pais pela vida, sei que sem eles eu jamais estaria neste momento escrevendo esta dissertação de mestrado. Sempre tivemos uma vida humilde, mas por meio dos valores e do respeito ao próximo que sempre enxerguei neles consegui chegar até aqui, afinal aprendi que para a grande maioria das coisas temos que fazer escolhas e isso me colocou onde eu queria estar, aqui, escrevendo esta pesquisa. Obrigado mãe, pai e a todos os meus familiares.

Agradeço ao meu parceiro Emerson que há dezesseis anos me mostra pelas suas atitudes que nesse mundo não podemos ser “espertos” mas sim honestos e inclusive isso se estende aos nossos pensamentos. Obrigado por estar sempre comigo, amo-te!

Aos meus amigos de vida e de trabalho, Adriana, Adriana Marins, Alessandra, Cida, Débora, Elizete, Elaine Kaibara, Leony, Ligia, Luciana, Pâmela e Vandiséia que sempre estiveram por perto, muito obrigado!. Não poderia deixar de mencionar a companhia da minha amiga Alessandra quando sentou ao meu lado para ver o resultado do processo de seleção do mestrado, sei o quanto vibrou comigo, minha gratidão por você é infinita.

Aproveito e estendo meu agradecimento a todos os colaboradores da APAE que me fazem crescer a cada dia.

A todos os professores participantes desta pesquisa, que dispuseram de tempo e interesse em colaborar, saibam que vocês fazem parte desse processo e que suas contribuições foram muito importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Presidente da APAE, Sr. Manoel Braga, que quando eu disse que queria fazer mestrado me incentivou e disse: Luiz, se você cresce a Instituição cresce, pode fazer! Saiba que seu olhar humano e disposição me inspira e contribui muito para o meu desenvolvimento enquanto pessoa e gestor, obrigado!

Meu agradecimento aos alunos da APAE que para mim serão sempre cheios de habilidades e capacidades. Saibam que me inspiro em vocês e a razão da minha dedicação vem do quanto eu os quero bem, amo vocês, indistintamente.

Aos amigos que o mestrado trouxe, em especial a Priscila Marconato, obrigado a todos vocês e continuem nessa caminhada, sabemos que nosso trabalho é árduo, mas não podemos desistir pois ele é muito importante e traz contribuições significativas que impactam diretamente na vida das pessoas, em especial as minorias, que hoje no Brasil enfrentam um momento bastante crítico.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Unesp Araraquara-SP (FCLAR) vocês são muito capazes. Obrigado por dividir tamanho conhecimento e experiência! Aproveito e destaco a Professora Dra. Fátima Elisabeth Denari que se tornou minha amiga e que divide sua experiência e sabedoria com muita maestria, obrigado!

À minha orientadora Professora Dra Andreza Marques de Castro Leão, saiba que você é uma profissional e pessoa incrível e que de fato acredita em seus orientandos. Andreza, você é humana em todos os sentidos e uma grande amiga! Peço a Deus que você alcance todos os seus sonhos e que ilumine seus passos para que continue a iluminar os caminhos das pessoas que passam pelas suas mãos. Muito obrigado!

“Tolerar a existência do outro, e permitir que ele seja diferente, ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Deveríamos criar uma relação entre as pessoas, da qual estivessem excluídas a tolerância e a intolerância.” (SARAMAGO, 1995)

ZUIN, L.F. (2019). SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: entendimentos de professores de uma instituição de educação especial. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- S.P.

RESUMO

A sexualidade ainda é um tema polêmico que desperta dificuldades àqueles que cotidianamente se defrontam com essa questão, como os professores por exemplo. Quando são professores de jovens com deficiência intelectual (D.I), o desafio é ainda maior, pois os estudos científicos afirmam que o resultado da relação sexualidade/D.I pode não ser positivo, devido à soma de dificuldades enfrentadas pelos professores e famílias e que muitos desvios de personalidade e comportamentos considerados inapropriados que estas pessoas exibem, são resultados da educação ou falta de educação sexual. Frente ao exposto, a presente pesquisa teve como objetivo principal investigar as opiniões manifestas de professores da educação especial sobre a sexualidade e educação sexual de alunos com D.I de maneira a averiguar as dificuldades e facilidades no trato deste assunto. Com este intento foram entrevistados 10 professores de uma escola especial, empregando para isso um questionário elaborado pelo autor com 18 questões que abarcaram a temática da sexualidade e D.I. Para analisar os resultados, esta pesquisa de cunho qualitativo e descritivo fundamentou-se na análise de conteúdo de acordo com os procedimentos descritos por Bardin (2011). A partir da análise das respostas das entrevistas realizadas construiu, por relevância teórica, quatro categorias: Formação docente e sexualidade; Educação sexual, família e escola; Vivência da sexualidade da pessoa com D.I e Informações sobre sexualidade por parte dos alunos. Os resultados obtidos apontam que a maioria dos professores não receberam formação acerca desta temática durante a graduação. Dentre os/as que afirmaram ter obtido alguma instrução acerca da educação sexual, constatou-se que esta foi de natureza estritamente biológica com enfoque nos caracteres anatômicos e fisiológicos. Destaca-se que muitos aspectos da sexualidade estão sendo reconhecidos pelos professores e parece haver uma valorização, pelo menos teórica, das necessidades, desejos e interesses sexuais das pessoas com D.I, embora ainda foram notados preconceitos e mitos sobre essa questão principalmente por não acreditarem que possa desfrutar de uma sexualidade segura e prazerosa de maneira responsável e autônoma por apresentarem D.I indicando que as pessoas com D.I são qualitativamente diferentes de pessoas que não apresentam deficiência e que não possuem o mesmo direito de vivenciar a sua sexualidade como todos nós, havendo a necessidade de sempre estarem sendo supervisionados pela família.

Palavras-Chave: Educação Sexual, Sexualidade, Deficiência Intelectual, Formação de Professores.

ZUIN, L.F. (2019). SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: entendimentos de professores de uma instituição de educação especial. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- S.P.

ABSTRACT

Sexuality is still a controversial theme that arouses difficulties for those who daily face this issue, such as teachers. When they are teachers of young people with intellectual disabilities (ID), the challenge is even greater, since scientific studies state that the outcome of sexuality / ID may not be positive, due to the sum of difficulties faced by teachers and families and many deviations. of inappropriate personality and behavior that these people exhibit are the result of education or lack of sex education. Given the above, this research aimed to investigate the opinions expressed by teachers of special education on sexuality and sexual education of students with ID in order to ascertain the difficulties and facilities in dealing with this subject. To this end, 10 teachers from a special school were interviewed, using a questionnaire prepared by the author with 18 questions that covered the theme of sexuality and D.I. To analyze the results, this qualitative and descriptive research was based on content analysis according to the procedures described by Bardin (1979). From the analysis of the answers of the interviews conducted, built, by theoretical relevance, four categories: Teacher education and sexuality; Sex education, family and school; Experience of sexuality of the person with ID and information about sexuality by students. The results show that most teachers did not receive training on this subject during graduation. Among those who stated that they had obtained some education about sex education, it was found that it was strictly biological in nature with a focus on anatomical and physiological characters. It is noteworthy that many aspects of sexuality are being recognized by teachers and there seems to be at least a theoretical appreciation of the needs, desires and sexual interests of people with ID, although prejudice and myths on this issue have been noted mainly because they do not believe that enjoy safe and pleasurable sexuality responsibly and autonomously by having ID indicating that people with ID are qualitatively different from people who are not disabled and do not have the same right to experience their sexuality as all of us, with the need always being supervised by the family.

Keywords: Sex Education, Sexuality, Intellectual Disability, Teacher Training.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAIDD	Associação Americana de Deficiência Intelectual e Desenvolvimento
DI	Deficiência Intelectual

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Níveis de gravidade para deficiência intelectual	27
Tabela 2	Identificação dos participantes	51
Tabela 3	Temas e objetivos das questões das entrevistas	54
Tabela 4	Descrição das categorias elaboradas para a análise	56

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA.....	18
1.1 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	21
1.2 SEXUALIDADE	30
1.3 EDUCAÇÃO SEXUAL E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	35
1.4 ESTIGMAS E PRECONCEITOS ENVOLVENDO A SEXUALIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	41
2 OBJETIVOS.....	48
2.1 OBJETIVO GERAL.....	48
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	48
3 MÉTODO	49
3.1 LOCAL DE ESTUDO	50
3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	50
3.3 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS	51
3.4 INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	52
3.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	54
3.6 PROCEDIMENTO ÉTICO	57
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DE DADOS	57
4.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE	58
4.1.1 CATEGORIA 1- FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE	58
4.1.2 EDUCAÇÃO SEXUAL, FAMÍLIA E ESCOLA	62
4.1.3 VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	64
4.1.4 INFORMAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE POR PARTE DOS ALUNOS	69

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICE.....	80
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA PROFESSORES.....	81
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS PARA PROFESSORES.....	82
APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA.....	84

APRESENTAÇÃO

Chegar até a elaboração desta pesquisa é a realização de um sonho, que antes de se tornar um sonho, tem um caminhar que para mim foi um desafio constante. Sempre fui um aluno que não trazia maiores preocupações no espaço da escola, não tive nenhuma dificuldade de aprendizagem e relacionamento entre os colegas da escola, era ativo, participava da grande maioria das atividades extracurriculares: disputava os jogos escolares, participava de teatro, feiras, etc., e sempre me identifiquei muito com o ambiente escolar. De fato, sempre amei ir para a escola.

Desde pequeno fui um admirador de professores e, desta maneira, aos 16 anos decidi cursar o magistério, e foi no ano de 2000 que comecei a estudar no Centro Específico de Aperfeiçoamento do Magistério, antigo CEFAM e me apaixonei pela docência.

Nesta escola conheci o Professor Miro que lecionava a disciplina de psicologia da educação e era diretor na APAE de Matão e, na oportunidade, me convidou para estagiar na APAE, escola onde naquele período ele era diretor pedagógico. Fiquei dois anos realizando o estágio em diferentes salas e níveis de ensino da educação especial. E no ano de 2005 retornei novamente como estagiário por meio da graduação e em 2007 fui convidado pelo mesmo professor e diretor a assumir minha primeira sala de aula enquanto professor.

Atuei como professor durante dois anos e depois fui convidado para trabalhar como coordenador pedagógico, nesta função fiquei por mais 5 anos e depois assumi a direção pedagógica da APAE de Matão.

Desde o período em que estagiei na APAE, sempre observei que as questões relacionadas à sexualidade eram bastante latentes entre os professores, sendo que ouvia relatos quanto a masturbação, manipulação, namoro, os quais eram comumente trazidos pelos professores e, ao mesmo tempo, a dificuldade em manejar e orientar os alunos quanto a sexualidade da pessoa com deficiência intelectual. No contato com os jovens com deficiência notei que a temática sexualidade era sempre um fator gerador de impasses e conflitos entre esses jovens e isso me despertou o interesse em estudar esta temática.

Questões acerca da sexualidade nem sempre foram tão fáceis para mim, principalmente na adolescência. Evitei muito falar sobre esse assunto e sempre que surgiam

conversas sobre o tema eu me retirava o mais rápido que podia, pois me percebia diferente dos outros meninos da mesma idade. No momento em que estava escrevendo este parágrafo me veio à memória uma brincadeira que era comum às meninas e que eu adorava: “pular elástico” e me recordo que sempre que eu brincava vinham comentários dos meus amigos que me chateavam muito, falas do tipo:

... isso é coisa de viadinho! ... coisa de menina! ...não sei não, hein!

Sempre que isso acontecia, lembro-me como se fosse hoje, ia para casa bastante chateado e quando isso ocorria não saia mais de casa e durante o banho me olhava, via nitidamente que eu era como os demais meninos e pensava o porquê que eles diziam que eu era diferente. Lembro que no momento do banho eu sempre chorava e tomava o cuidado para que meus familiares não me ouvissem, e quando ia dormir eu pedia a Deus para fazer com que eu fosse como os meus amigos meninos, mesmo sem ainda saber o que, de fato, havia de diferente em mim. Nesse momento ainda não havia despertado em mim a orientação quanto ao desejo sexual.

Fui crescendo, ouvindo comentários ainda bastante desagradáveis e aos poucos me conhecendo, vendo quem de fato eu era, quais eram os meus desejos e o que de fato me fazia feliz, fui fazendo novas escolhas e aqueles amigos foram ficando para trás e novos foram chegando e tornando a vida mais leve, a sexualidade deixou de ser algo que eu me assustava e passou a ser área de interesse.

Recordo-me que há uns quatro anos atrás conheci uma pessoa que cursava mestrado em educação sexual, a Beatriz Kavarrara, até então não tinha conhecimento do programa e em conversas com ela passei a conhecer o programa de mestrado em educação sexual da FCLAR. Em uma das pesquisas que fiz no site da faculdade, verifiquei que a Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani, moramos na mesma cidade e sempre tive admiração por ela, pois também fez CEFAM e para nós alunos era um exemplo a ser seguido, pela sua dedicação aos estudos e grande esforço.

Para a minha felicidade, logo depois a encontrei em uma papelaria e trocamos algumas informações a respeito do programa de mestrado. Então elaborei um projeto, a indiquei como possível orientadora e durante a seleção ela me apresentou para a Professora Dra. Andreza, hoje minha orientadora, pois acreditava que meu projeto se encaixava com a

linha de pesquisa da Professora Dra. Andreza. Débora, você é uma pessoa especial e sabia muito bem o quanto a citada professora ajudaria, posso afirmar que ela é um exemplo de orientadora e de pessoa. Obrigado por me deixar em tão boas mãos!

A partir de então iniciamos a caminhada do mestrado, muitas disciplinas, estudos conversas, conselhos, participação em simpósios e congressos. Agora, estamos aqui nesta etapa tão importante para responder a problemática desta pesquisa e contribuir com uma pequena parcela, frente às lacunas existentes sobre a sexualidade e educação sexual da pessoa com deficiência intelectual.

1 Introdução/ Justificativa

A educação sexual nem sempre trata de assuntos confortáveis para pais e educadores. Na medida em que os anos avançam, a sociedade tem demonstrações de mais maleabilidade ao falar sobre a sexualidade, porém, pessoas ainda evitam responder perguntas, tecer comentários e manter um diálogo aberto.

No campo educacional o cenário não é diferente, a sexualidade é um tema polêmico que desperta dificuldades àqueles que cotidianamente se defrontam com essa questão, como os professores por exemplo. Figueiró (2004, p. 124) afirma que “a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar”. Quando são professores de jovens com D.I, o desafio é ainda maior, como mostram diversas pesquisas que tratam da sexualidade e preconceito quase sempre, permeados por entendimentos calcados em preconceito. (Goffman, (1975); Dall’Alba, (1992); Denari (2002), Melo & Bergo (2003); Luiz & Kubo (2007); Maia & Ribeiro, (2010) Oliveira (2016); Denari, (2018).

A sexualidade da pessoa com D.I é inegável, uma vez que ela é um atributo humano, inerente a qualquer pessoa, a despeito de limitações de cunho biológico, psicológico ou social. Mesmo que o grau de comprometimento intelectual possa influenciar na capacidade de manifestar e vivenciar os vínculos afetivo-sexuais, a problemática maior da pessoa com D.I não está na sua condição biológica ou nos déficits intelectuais, e sim, na dificuldade em que a sociedade tem em lidar com a manifestação e com a sua educação sexual (Denari, 2002; Maia & Camossa 2003).

No campo da educação sexual, Glat e Freitas (2002), afirmam que o resultado da relação sexualidade/D.I pode não ser positivo devido à soma de dificuldades enfrentadas pelos professores e famílias, aliás muitos desvios de comportamentos que são considerados inapropriados e que elas exibem, são resultados da educação ou falta desta.

Conforme afirma Figueiró (2009 p. 46),

A ignorância a respeito da existência e possibilidade da afetividade-sexualidade de jovens e adultos com deficiência mental tem determinado, no mínimo, três formas totalmente impróprias para o manejo da situação. Uma delas é a negação: é comum ouvir que os deficientes mentais “São verdadeiros Anjos! “Eles serão eternamente crianças! ”. A outra é a omissão: geralmente camuflada por verbalizações do tipo: “ Ainda é muito cedo para você pensar em namorar! ”. A terceira refere-se ao controle,

expressada por afirmações de que “É preciso reprimir essas ‘vontades’ dos jovens e adultos com deficiência mental, pois eles não sabem o que fazem! ”.

Desta maneira, tentar impedir a expressão e a vivência da sexualidade da pessoa com D.I pode contribuir para o reforçamento de uma visão preconceituosa existente em nossa sociedade, rotulando-as como incapazes de desfrutar de uma vivência afetivo-sexual prazerosa e segura.

Giulio (2003), considera que os pais, professores e cuidadores devem equipar-se com conhecimento necessário e habilidades para prover orientação sexual apropriada para pessoas com deficiência. Plunkett *et al.*, (2002), destacam a importância dos profissionais que dão suporte a pessoa com deficiência sendo informados sobre a sexualidade, para não abordarem concepções equivocadas da sexualidade e deficiência. Desta maneira, a educação sexual deve conter informações sobre as dimensões biológicas e socioculturais da sexualidade, incluindo domínios cognitivos, afetivos e comportamentais.

No entanto, são poucos os programas educacionais que existem atualmente com tais objetivos, não só para o jovem com deficiência, mas também para a população de maneira geral (França Ribeiro, (2001); Almeida, (2010); Katalinić e col., (2012); Figueiró, (2018)).

É fundamental que os alunos com deficiência, como os demais alunos, tenham acesso a orientação sexual, como direito que apresentam em receber esclarecimentos e orientações de forma ética e respeitosa, de modo a auxiliá-los a exercerem a sexualidade de maneira autônoma, respeitosa e prazerosa (Maia, 2003).

França Ribeiro (2001) e Maia (2006) afirmam que existe a necessidade de um trabalho efetivo de aconselhamento em programas de educação sexual direcionado para professores de pessoas com D.I e que devesse ocorrer a capacitação dessas pessoas para ajudá-las a orientar adequadamente seus alunos, de maneira a garantir o desenvolvimento global desses, incluindo o âmbito afetivo-sexual.

Assim, o trabalho educativo realizado por docentes mostra-se importante para o desenvolvimento da sexualidade da pessoa com D.I, visto que muitas vezes o que falta à pessoa com D.I é um processo efetivo de educação sexual.

Desta maneira, esta pesquisa propõe investigar o que pensam professores da educação especial sobre a sexualidade da pessoa com D.I, pois pensar em sexualidade na escola implica em reconsiderar posições, conceitos e *pré-conceitos*. Nesse sentido, a educação escolar representa o caminho para o estabelecimento de uma educação sexual que visa além do

respeito à livre orientação sexual, a construção de um ambiente pedagógico no qual os conhecimentos científicos acerca deste assunto possam ser difundidos com domínio e propriedade.

De acordo com Figueiró (2009, p.88), o assunto sexualidade é um dos que podem facilitar o processo da inclusão dos educandos com necessidades educacionais especiais, porque está relacionado com trabalhos de expressão de sentimentos e atitudes e de formação de valores morais, tanto quanto com conteúdo acadêmico e científico a ser dominado intelectualmente pelos alunos. Além disso, falar de sexualidade é trabalhar o relacionamento humano e, por conseguinte, aprimorar as relações interpessoais.

Diante do exposto, pesquisas na área da sexualidade tornam-se cada vez mais importantes, uma vez que, por meio destas conseguimos identificar quais são as reais dificuldades enfrentadas pelas pessoas com D.I na expressão de sua sexualidade, bem como, verificar a maneira que esta temática vem sendo trabalhada nos diversos âmbitos sociais e, a partir daí propor formas eficazes de lidar com a questão e contribuir de maneira significativa na vivência da sexualidade desta população.

Glat (2005), aponta que tanto as escolas comuns, como as instituições e escolas especiais têm que considerar a educação sexual como prioridade programática. Ainda se faz necessário, segundo ela, o desenvolvimento de estudos e investigações mais amplas referentes ao desenvolvimento de programas de educação dos jovens e suas famílias. Denari (1997) afirma que há necessidade de orientação às famílias e à instituição quanto a forma de lidar com a sexualidade do adolescente com deficiência [intelectual]; e Maia (2006, p. 243): “para que a educação sexual oferecida aos alunos seja efetiva, é necessário oferecê-la antes aos profissionais, à família e refletir seus objetivos”.

A interação família/escola torna-se fundamental para que a sexualidade não se torne alvo da duplicidade de discursos e de atitudes. Deve-se ter em mente que a tarefa da educação sexual pode ser emocionalmente custosa aos professores, uma vez que se tem uma cultura hodierna carregada de equívocos, tabus, preconceitos e estigmas, sendo que nem sempre, se sentem disponíveis, resolvidos, tranquilos e maduros frente à própria sexualidade. Mesmo assim, a escola é o espaço privilegiado para que os alunos possam fazer seus questionamentos sobre a temática da sexualidade, porque o diálogo é o caminho no processo de educar para a sexualidade. Aliás considerando que é responsabilidade do sistema escolar promover a

educação integral do indivíduo e sendo a sexualidade inerente a todo indivíduo, ela precisa estar contemplada no currículo desta educação integral.

Logo a escola precisa assumir o trabalho de educação sexual, mas não de uma maneira repreensiva, e, sim, de maneira proativa de modo que possa mudar visões distorcidas ou negadas da sexualidade, sem, contudo, substituir a família, porque a criança não chega à escola sem ideias, mas já com diversas inscrições sobre a sexualidade (Moisés & Bueno, 2010).

Vale frisar que o professor não precisa ser um especialista em educação sexual, mas um profissional devidamente informado sobre sexualidade humana e que reflita sobre ela, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, de reflexão e de debate de ideias, de maneira a atualizar seus conhecimentos, assumindo uma postura segura e assertiva de forma a ensinar a pensar, tornando-se mediador do conhecimento (Gadotti, 2007).

1.1 Deficiência Intelectual

Ao iniciarmos esta sessão é importante destacar que a substituição da terminologia deficiência mental por intelectual data da Conferência Internacional sobre Deficiência Intelectual, realizada no Canadá em 2004. Esta nova terminologia, a qual foi adotada neste estudo, foi recomendada pela *International Association for the Scientific Study of Intellectual Disabilities – IASSID*¹

Ao analisar a evolução do conceito de D.I, constatamos o predomínio da dimensão biológica na definição do que seria caracterizado, como deficiência. As teorias inatistas de desenvolvimento, difundidas na Modernidade, valorizavam sobremaneira a dimensão biológica em detrimento da dimensão social e cultural (Kassar, 1999).

Estudos como o de Pessotti (2012) e Jannuzzi (2006) descrevem que não existia antes da Idade Média nenhum documento relativo a D.I, o que se tem conhecimento desse período é que essas pessoas eram abandonadas por não serem consideradas dotadas de alma.

¹ Atualmente denominada American Association on Intellectual and Developmental Disabilities – AAIDD.

coisas básicas de segurança né, ter segurança de seu corpo é o básico né” e (A2) “A educação sexual é fundamental, porque com certeza vai fazer com que eles cresçam e possam viver melhor, compreender melhor o que pode e o que não pode e prevenir abuso”. Nesse sentido, Mahoney e Poling (2011) disseram que a população com deficiência é, segundo análises de dados estatísticos, mais vulnerável com relação a abusos sexuais que o restante da população, evidenciando a necessidade do processo de educação sexual.

De acordo com Stokes, Newton e Kaur (2007), assim como Newport e Newport (2002), as dificuldades em conhecer e interpretar as regras sociais colocam as pessoas com deficiência intelectual em situações, nas quais se tornam vulneráveis, podendo abusar, serem abusadas ou estabelecer relacionamentos inviáveis. Para Kaufman, Silverberg e Odette (2003), as pessoas com deficiências são mais facilmente vítimas de violência sexual do que aqueles que não vivem com deficiências. O poder abusivo de cuidadores, a falta de punição para os agressores, o silêncio nas instituições e a falta de programas de educação Sexual, são situações que podem agravar e aumentar a ocorrência de violência sexual à pessoa com deficiência intelectual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu da necessidade apontada pela literatura de haver mais investigações científicas sobre como professores que atuam na educação especial, lidam com as questões relacionadas à sexualidade de jovens com D.I.

Por meio da análise das entrevistas pode-se perceber que muitos aspectos da sexualidade estão sendo reconhecidos pelos professores e parece haver uma valorização, pelo menos teórica, das necessidades, desejos e interesses sexuais das pessoas com deficiência intelectual, embora ainda foram notados preconceitos e mitos sobre essa questão. Isso se dá principalmente por não acreditarem que possam desfrutar de uma sexualidade segura e prazerosa de maneira responsável e autônoma, por apresentarem D.I. Também pode indicar que as pessoas com deficiência intelectual são qualitativamente diferentes de pessoas que não apresentam deficiência, e que não apresentam o mesmo direito de vivenciar a sua sexualidade

como todos nós, havendo, portanto, a necessidade de sempre estarem sendo supervisionados pela família.

Foi possível perceber, de maneira geral, a inabilidade dos professores em lidar com as manifestações da sexualidade de seus alunos o que coloca que muitos comportamentos sexuais apresentados pelos alunos são considerados inadequados. Nota-se, também, que apresentam confusão quanto ao seu papel na orientação sexual dos jovens, preferindo, muitas vezes, ignorar manifestações sexuais ou reprimi-las, sendo usadas como justificativas para a não educação sexual no espaço da escola.

Afirmam que a falta de conhecimento sobre a sexualidade dificulta organizar e sistematizar um trabalho de educação sexual, sendo que embora reconheçam a importância de se trabalhar temáticas relacionadas à sexualidade e acreditem que o trabalho deve ser realizado pela família e escola, não estão fazendo, e continuam silenciando a sexualidade no ambiente escolar, atuando apenas de maneira remediativa e não formal.

O tema sexualidade, em diferentes contextos educacionais, vem sendo debatido intensamente. No âmbito da educação especial, as propostas de intervenção em relação à sexualidade parecem extremamente limitadas; ainda há pouca discussão sobre sexualidade da pessoa com deficiência no ensino especial. Os dados das entrevistas reforçam esta afirmação quando de forma arbitrária todos os professores entrevistados afirmam que não trabalham e não executam programas de educação sexual na sala de aula; o fazem, apenas, quando são questionados pelos alunos trazem à tona este tema, e estes reforçam que não tem formação e não se sentem preparados para lidar com a educação sexual, apresentando atitudes confusas quanto a sexualidade dos alunos, muitas vezes repreendendo ou fingindo que não estão vendo.

Os dados evidenciam que os professores abrem pouco espaço para tratar este assunto com naturalidade e não aproveitam as oportunidades reais para levar o aluno à percepção da sua sexualidade e procuram apenas corrigir nos alunos comportamentos sexuais que julgam incorretos.

Todavia, a sexualidade está presente no cotidiano escolar e poderia ser mais bem desenvolvida e aprimorada nas escolas através de capacitações para professores, palestras para os alunos, debates em salas de aula, entre outras estratégias didáticas que poderiam ser

realizadas para tornar essa temática mais típica no contexto escolar e menos preconceituosa e cheia de pudores. Por meio da formação continuada o professor poderá refletir sobre suas práticas e voltar-se para situações específicas que vivenciam no dia a dia e entrar em contato com as suas próprias dificuldades sobre o tema da sexualidade, se possível, com assessoria especializada para que possam fortalecer em si próprios conhecimentos acerca da temática e reconhecer que a educação sexual é responsabilidade da escola.

Em suma, a partir da análise dos dados destaca-se e a importância de aprofundar a temática e a qual pode partir dos próprios jovens com deficiência intelectual para conhecer o que pensam, desejam e esperam viver em sua vida adulta e sexuada. Além disso, considerando o direito dessas pessoas viverem um namoro, casamento, assumirem uma suposta diversidade sexual ou mesmo, efetivar um planejamento familiar, se assim o desejarem, nada mais justo dar voz e escuta aos próprios jovens ou as pessoas com as quais eles se relacionam para apontar as possibilidades e limites dessas vivências.

Ressalta-se ainda a relevância de mais estudos sobre o tema, com jovens e adultos de diferentes contextos e utilizando métodos diversos, como grupos focais e observações, que poderiam ampliar alguns dos achados ainda limitados apenas por meio de entrevistas. Além disso, sugere-se a implementação de estratégias de intervenção por meio de um programa de educação sexual na Instituição onde esta pesquisa foi desenvolvida, incluindo em suas ações tanto os jovens, quanto seus familiares, professores e todos os demais profissionais. Uma vez que a sexualidade é um atributo humano, inerente a qualquer pessoa, a despeito de limitações de cunho biológico, psicológico ou social.

REFERÊNCIAS

- Amaral, L. A. (1994). *Algumas reflexões sobre a (r)evolução do conceito de deficiência*. In GOYOS, C; ALMEIDA, M. A; SOUZA, D. G. de . (Orgs). *Temas em Educação Especial 3*. São Paulo: EdUFSCAR.
- Almeida, M. A. & Albuquerque, P. P. (2010). *Sexualidade e deficiência intelectual: um curso de capacitação para professores*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.91, n. 228, p.408-423. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/11%20sexualidade%20e%20def%20capacita%C3%A7ao%20professores%20(3).pdf. Acesso em: 18.abr.2017.
- Amor Pan, J. R. (2003). *Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental*. São Paulo: Loyola.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa, PT: Edições 70.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA.
- Bastos, O. M.; Desland, S. F. (2005). *Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica*. *Ciências & Saúde Coletiva*. 10(2).389-397.
- Bastos, O. M.; Desland, S. F.(2012). *Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.18, n. 3.
- Brasil. (2015). *Lei n° 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Brasília.
- Bruns, M.A.T. (2008). *Sexualidade de Cegos*. Campinas, SP: Editora Átomo.
- Costa, A.H. (1998). *Dislexia*. Monografia (Especialização). Faculdade de Educação São Jorge, Ribeirão Preto, 48f.
- Dabhoiwala, F. (2013). *As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual*. São Paulo: Editora Globo.
- Dall'alba, L. (1992). *Sexualidade e deficiência: a concepção do professor*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- Dantas, T.C; Silva, J. S. ; Carvalho, M. E. P. de. (2014). *Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento*. Vol.20, n.4, pp.555-568. ISSN 1413-6538. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000400007>.

- Denari, F. E. (2002). *Sexualidade e deficiência mental: reflexões sobre conceitos*. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 8, n. 1, p. 9-14. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/10%20sexualidade%20e%20Deficiencia%20mental%20conceitos%20(2).pdf. Acesso em 20.abr.2017.
- Denari, F. E. (1997). *O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo, nem fera*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- França, R.H.C. (2001). *Sexualidade e os Portadores de Deficiência Mental*. Revista Brasileira de Educação Especial 7(2), 11-27.
- França, R.H.C. (2006). *Direitos sexuais uma conquista para pessoas com deficiência*. In MANZINI, E.J. (Org). *Inclusão e acessibilidade*. Marília: ABPEE.
- França, R.H.C. (1995). *Orientação sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Figueiró, M. N. D. (2006). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: EDUEL.
- Figueiró, M. N. D. (2009). *Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL.
- Foucault, M. (1976). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S (2006). *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos. 1901-1905*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. Rio de Janeiro.
- Gherpelli, M.H.B.V. (1995). *Diferente, mas não desigual: a sexualidade no deficiente mental*. 2. ed. São Paulo: Gente.
- Giami, A. (2004). *O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição*. Tradução Lydia Macedo. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Glat, R. (1989) “*Somos Iguais a Você*”: *Depoimentos de Mulheres com Deficiência Mental*. Rio de Janeiro. Editora Agir.
- Glat, R. (2012) *A sexualidade da pessoa com deficiência mental*. Revista Brasileira de Educação Especial. 1(1).. Recuperado de <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbee/v01n01/v01n01a07.pdf>. Acesso em 23.maio.2017.
- Glat, R. (1995). *A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão*. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras.

- Glat, R. (1992). *A sexualidade da pessoa com deficiência mental*. Revista Brasileira de Educação Especial 7(1), 65-74.
- Goffman, E. (1975). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC.
- Jannuzzi, G. de M. (2006). *A Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. 2º ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados.
- Leão, A. M. C. *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. 2009, 343f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.
- Leão, A. M. de C.; Ribeiro, P. R. M ; Bedin, R.C. (2010). SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA EM FOCO: algumas reflexões sobre a formação de professores. Linhas (Florianópolis. Online), v. 11, p. 36-52.
- Leão, A. M. de C.; Ribeiro, P. R. M. (2007). A orientação sexual no contexto inclusivo: um estudo teórico. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 127-135, dec. ISSN 1982-5587. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/465/345>>. Acesso em: 08.mai.2019.
- Leão, A. M. de C.; Ribeiro, P. R. M. (2012). *Educação sexual e formação contínua de professores: uma estratégia para a prática pedagógica em sala de aula*. Revista ELO, v. 19, p. 55-61. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124967>> Acesso em: 03 mai.2019.
- Leão, A., & Ribeiro, P. (2007). *A orientação sexual no contexto inclusivo: um estudo teórico*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 2(2), 127-135. doi: Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v2i2.465> Acesso em: 2.mai.2019.
- Louro, G. L. (org.). (1999). *Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Maia, A. C .B.; Ribeiro, P. R. M. (2010). *Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.16, n.2, p.159-176, . Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/4%20Desfazendo%20mitos%20para%20minimizar%200\(4\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/4%20Desfazendo%20mitos%20para%20minimizar%200(4).pdf). Acesso em 23/04/2017.
- Maia, A. C. B. (2006). *Sexualidade e deficiências*. São Paulo: Unesp.

- Maia, A. C. B.; Aranha, M. S. F. (2005). Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interação em Psicologia*, v. 9, n. 1, p. 103-116. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000147&pid=S14136538200700020000600014&lng=en. Acesso em 20.abr.2017.
- Maia, A. C. B.; Camossa, D. A. *Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias*. *Paidéia*, 2003,12(24), 205-214. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/09.pdf> Acesso em: 03.abr.2017.
- Maia, A. C. B.; Ribeiro, P. R. M. (2011). *Educação sexual: Princípios para ação*. In: *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL/UNESP, v. 15, n. 1, p.75-84.
- Maia, A., & Vilaça, T. (2017). *Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva*. *Revista Educação Especial*, 30(59), 669-680. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X28087>. Acesso em 09.jul.2019.
- Maia, A. C. B., Reis-Yamauti, V. L. dos, Schiavo, R. de A., Capellini, V. L. M. F., & Valle, T. G. M. do. (2015). *Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual*. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(3), 427-435. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000300008> Acesso em: 26 set 2018.
- Mazzotta, M. J. S. (1999). *Educação especial no Brasil: História e políticas públicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez. Minayo, M. C. S. (1999) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6 ed. São Paulo: HUCITEC.
- Mello, M.R & Bergo, M.S.A.A. (2003). *Atuação do professor diante de manifestações da sexualidade nos alunos portadores de deficiência mental*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 9 (2), 227-235.
- Millan, A. E.; Spinazola, C. de C.; Orlando, R. M. (2015). *Deficiência intelectual: caracterização e atendimento educacional*. *Educação, Batatais*, v. 5, n. 2, p. 73-94, 2015. Disponível: file:///C:/Users/User/Documents/Luiz%20Fernando%20Pedag%C3%B3gica/Mestrado%20Lui%20Fernando/Artigos%20utilizados%20na%20disserta%C3%A7%C3%A3o/Defici%C3%Aancia20Intelectual%20Milan_Spinazola.pdf. Acesso em: 17 maio 2018.

- Omote, S.(1990). *Aparência e competência em educação especial*. Temas em Educação Especial, São Carlos, v. 1, p. 11-26.
- Pinel, A. (1993). *A restauração da vênus de milo: dos mitos à realidade sexual da pessoa deficiente*. Em M. Ribeiro (Org.), Educação sexual: novas ideias, novas conquistas (pp. 307-325). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Pletsch, M. D. (2014). *A escolarização de pessoas com deficiência intelectual no Brasil: da institucionalização às políticas de inclusão (1973-2013)*. Analíticos de Políticas Educativas. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=275031898089>> ISSN 1068-2341 Acesso em: 10 fev 2019.
- Prieto, R. G. (2007). *Professores especializados de um centro de apoio: estudo sobre saberes necessários para sua prática*. In: JESUS, D. M. de; BAPTISTA, C. R.; BARRETO, M. A. S. C., VICTOR, S. L. (orgs) *Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa*. Porto Alegre : Mediação/Prefeitura Municipal de Vitória/CVD/FACITEC , p.281-94.
- Reis, V. L. ; Maia, A. C. B. (2012). *Educação Sexual na Escola com a Participação da Família e o uso de Novas Tecnologias da Educação: Um Levantamento Bibliográfico*. Cadernos de Educação (UFPel), v. 41, p. 188-207.
- Ribeiro, P. R. M. (2004). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Ribeiro, P. R. M. (2013). *A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos de uma cidadania ativa*. In: Rabelo, A. O.; Pereira, G. P; Reis, A. M. de S. (Org.). *Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Petrópolis: De Petrus et Alii, p. 7-17, 2013.
- Tang, C. S & Lee, Y. K. (1999). Knowledge on sexual abuse and self-protection skills: a study on female chinese adolescents with mild mental retardation. *Child Abuse & Neglect*, v. 23, 3, 269-279.
- Vasconcelos, V. O. (1996). *Sexualidade e deficiência mental: uma pesquisa de documentos*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- Vilela, G. J. D. ; Ribeiro, P. R. M. (2014). *Discursos, sujeitos e educação sexual na escola*. In: Maria Regina Momesso; Filomena Elaine Paiva Assolini; Luzmara Curcino; Fabiane Verardi Burlamaque; Glória Maria Palma. (Org.). *Das práticas do ler e*

escrever ao universo das linguagens, códigos, e tecnologias. Porto Alegre: CirKula, , v. 1, p. 251-267.

YIN, Robert K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman. Disponível em: <https://www.tecnoevento.com.br/nel/anais/artigos/art16.pdf> Acesso em: 15. Ago.2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre esclarecido para professores

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUISTA FILHO”
CAMPUS ARARAQUARA, SP.

Termo de consentimento livre esclarecido para professores
Estudo: “Sexualidade e educação sexual de pessoas com deficiência intelectual:
concepções de professores da educação especial”

Eu, _____, professor (a) na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, mantenedora da Escola de Educação Especial da APAE de Matão “Professora Palma Izaura Pinotti Ricci”, declaro que concordo em participar voluntariamente do estudo acima citado, que será realizado por meio de entrevistas com roteiro estruturado; afirmo que recebi informações detalhadas sobre a natureza e objetivos do estudo e sobre as solicitações que me serão feitas; declaro que tenho conhecimento de que sou livre para desistir do estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificar minha decisão; afirmo que tenho conhecimento de que minha participação é sigilosa, que meu nome não será divulgado em qualquer publicação ou relatório referente aos resultados da pesquisa.

Declaro ciência de que não terei nenhum dano físico ou moral, além de não ter nenhum gasto financeiro, e que os benefícios da pesquisa podem ser tanto relativos ao aprendizado de informações teóricas a respeito da sexualidade, como em relação à orientação na educação sexual de meu (minha) aluno(a).

Matão, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do(a) participante.

Pesquisador responsável: Luiz Fernando Zuin – Rua José Marques Garcia, 28 – Residencial Ormindia Bottura Benassi – CEP 15.993.060 Matão, SP. Telefone: (16) 98120-1927. E-mail: nando_zuin@hotmail.com. Professora orientadora: Dra. Andreza Marques de Castro Leão.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevistas semi-estruturadas para professores

Roteiro de entrevistas semi-estruturadas para professores

UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - ARARAQUARA

Pesquisa: **SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: concepções de professores da educação sexual**

Cara (o) pesquisada (o), esta entrevista é um instrumento de coleta de informações que, depois de analisado, será usado na pesquisa de Mestrado intitulada: **SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: concepções de professores da educação especial**. Nosso objetivo com esta entrevista é levantar as percepções dos professores quanto à manifestação da sexualidade em alunos (as) adolescentes com deficiência intelectual.

1. CARACTERIZAÇÃO DA(O) PESQUISADA(O)

Data: ____/____/____

Nome do (da) professor(a):

Idade:

Sexo:

Há quanto tempo atua como professor (a)?

Há quanto tempo na Educação Especial?

2. FORMAÇÃO DA(O) PESQUISADA(O)

() Magistério

() Superior/Curso: _____

() Pós Graduação Lato Sensu/ Área de estudo: _____

() Mestrado: área _____ () Doutorado: área _____

Questões

1. Em sua formação, lembra-se de alguma disciplina que contemplasse a educação sexual?
2. Já sentiu necessidade de formação continuada sobre essa temática? Justifique sua resposta.
3. Para você o que é educação sexual?
4. Na escola que você atua houve abrangência sobre a educação sexual?
5. Você acredita que a sexualidade deve ser trabalhada pela família ou pela escola? Por quê?
6. Em sua opinião, as pessoas com deficiências, em geral, têm sexualidade?
7. Você conversa ou já conversou sobre sexualidade com seu (sua) aluno(a)? Com que frequência?
8. O seu (sua) aluno(a) já lhe perguntou algo relacionado à sexualidade? De que maneira você reagiu?
9. Já vivenciou alguma situação com seus alunos envolvendo a sexualidade e com a qual teve dificuldades em lidar? Se sim, conte como ocorreu:
10. Você já viu seu (sua) aluno(a) se masturbando? Como agiu? Se não, como agiria se o visse?
11. Você acha que seu (sua) aluno(a) pode/deve namorar? Como seria esse namoro?
12. Se você acha que pode namorar, acredita que seu (sua) aluno(a) deveria namorar uma pessoa como ele ou alguém sem deficiência intelectual?
13. Qual a sua opinião sobre casamento de pessoas com deficiência intelectual?
14. Você acredita que seu (sua) aluno(a) pode ter relação sexual? Em que condições? O que ele (a) necessitaria para isso?
15. Percebeu estereótipos de gênero no comportamento de seus alunos (reforço de papéis ditos masculinos ou femininos)?

16. Você acredita que seu (sua) aluno(a) tem informações básicas sobre sexualidade?
17. Na sua opinião, qual a importância da educação sexual para uma pessoa com deficiência intelectual?
18. Há alguma colocação que gostaria de fazer complementando esta entrevista?

Apêndice C – Autorização para realização de pesquisa



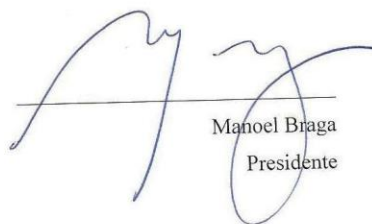
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Matão – SP
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – “Prof. Palma Izaura Pinotti Ricci”
 CNPJ (MF) 45.341.245/0001-10
 Alameda da Saudade, 100 – Vila Pereira – CEP 15990-000 – Matão-SP.
 Fone / (16) 3221- 5100 – Fax: (16) 3221- 5104
 Utilidade Pública Federal – Lei nº 93.333 de 03/10/1986
 Utilidade Pública Estadual – Lei nº 4.721 de 27/09/1985
 Utilidade Pública Municipal – Lei nº 793 de 27/06/1973

Matão, 01 de agosto de 2018

Ao comitê de Ética em Pesquisa Plataforma Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, **Manoel Braga**, Presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais da APAE de Matão, venho por meio desta informar a V. S^a que autorizo o pesquisador **Luiz Fernando Zuin** aluno do curso de Mestrado em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho – Campus de Araraquara – UNESP, a realizar/desenvolver a pesquisa intitulada “Sexualidade e Educação Sexual de Pessoas com Deficiência Intelectual: concepções de professores da educação especial”, sob orientação da Prof^a Dra Andreza Marques de Castro Leão. Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileira, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.


 Manoel Braga
 Presidente

45 341 245 / 0001 - 10
 A.P.A.E. - ASSOCIAÇÃO DE PAIS E
 AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE MATÃO
 Alameda da Saudade, 100
 Vl. Pereira - CEP 15990-000
 MATÃO - SP